

Artigo

Ficções Filosóficas: a epistemologia subterrânea de Flusser

Maria Ribeiro¹

Marcelo Santos²

Resumo

Neste ensaio, entendemos o gesto flusseriano de fabulação como uma escolha epistemológica, certa ação deliberada que converte a hipótese científica em um gênero singular: aquilo que nomeamos ficção filosófica. Ao propor esta leitura, seguimos apenas o próprio Flusser e a sua concepção de que se a língua é a realidade, a ciência é, senão, um aspecto da língua. Tal premissa, as ficções filosóficas flusserianas, caso do *Vampyroteuthis Infernalis*, constituem mero exercício especulativo, para além de um atestado sobre certa verdade adiabática das coisas. Nosso escrito é fundamentado por revisão crítica de literatura e sugere o entendimento da filosofia ficcional como caminho para o exame heurístico não antinômico do par sujeito/objeto.

Palavras-chave

Vilém Flusser; epistemologia; ficção filosófica

Abstract

In this essay, we understand the flusserian gesture of fable as an epistemological choice, a sort of deliberate action that converts scientific hypothesis into a unique genre: what we name philosophical fiction. By proposing this interpretation, we just follow Flusser himself, specifically his claim that language is reality and, therefore, science is nothing but a feature of language. Following this premise, the flusserian philosophical fictions, as the *Vampyroteuthis Infernalis*, are a mere speculative exercise, unengaged with the adiabatic truth of things. Our work is based on literature review, and we aim to suggest the interpretation of fictional philosophy as a heuristic process to free the pair subjective/objective of its dichotomic assumption.

Keywords

Vilém Flusser; epistemology; philosophical fiction

Resumen

En este ensayo, entendemos el gesto flusseriano de la fábula como una opción epistemológica, una especie de acción deliberada que convierte hipótesis científica en un género único: lo que llamamos ficción filosófica. Al proponer esta interpretación, sólo seguimos Flusser, concretamente su afirmación de que el lenguaje es la realidad y, por lo tanto, la ciencia no es más que una característica del lenguaje. Persiguiendo esta premisa, las ficciones filosóficas flusserianas, como lo *Vampyroteuthis Infernalis*, son un mero ejercicio especulativo, sin compromisos con la verdad adiabática de las cosas. Nuestro trabajo se

¹ Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. E-mail: donamariaribeiro@gmail.com

² Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. E-mail: masmoraes@casperlibero.edu.br

basa en la revisión de la literatura, y nuestro objetivo es sugerir la interpretación de la filosofía de ficción como un proceso heurístico para liberar la pareja subjetivo / objetivo de su interpretación dicotómica.

Keywords

Roland Barthes, Sebastião Salgado, Foto, mito, *studium*

Apresentação do argumento

Títulos desempenham função sumular ou de compêndio e todo o artigo orbitará ao redor das expressões “ficção filosófica” e “epistemologia subterrânea”. Ambas correspondem ao esteio temático do nosso argumento fundamental³. Antes de apresenta-lo, entretanto, apontaremos o fiat lux ou o grupo de leituras que deu origem ao nosso interesse por Vilém Flusser. Trata-se de um empréstimo declarado não das ideias, mas do leitmotiv, de certa ambiência conceitual — ou de um “télós”, como quer Walter Benjamin (2007) na página 499 das suas Passagens e que corresponde às primeiras linhas da sessão denominada Teoria do Conhecimento, Teoria do Progresso:

(...) tudo o que estamos pensando durante um trabalho no qual estamos imersos deve ser-lhe incorporado a qualquer preço. Seja pelo fato de que sua intensidade aí se manifesta, seja porque os pensamentos de antemão carregam um télós em relação a esse trabalho.

Assim, dizer ficções filosóficas significa, antes, apontar um objeto físico: o livro homônimo, póstumo, organizado por Edith Flusser e publicado em 1998. Já na introdução, escrita por Maria Liria Leão — que quando jovem universitária, na década de 1960, frequentou a casa do filósofo — Vilém Flusser é apresentado: “figura humana impressionante, dessas que causam impressão de matriz em nossos núcleos pessoais” (Flusser, 1998, p.9). O trecho remeteu-nos, de imediato, à experiência decorrida desde a leitura do artigo “Vampyroteuthis: a segunda natureza do Cinema. A ‘Matéria’ do Filme e o Corpo do Espectador”, autoria de Erick Felinto (2012). Tendo introduzido o *Vampiroteuthis Infernalis*, Felinto construiu uma espécie de moldura excêntrica ao

³ Uma primeira versão deste texto foi apresentada em 2012 no I Simpósio Internacional de Estudos sobre Cultura Midiática – “Do conceito à imagem: a cultura da mídia pós-Vilém Flusser”, realizado na Universalidade Federal do Rio Grande do Norte, em colaboração com o Arquivo Vilém Flusser da Universidade das Artes, de Berlim, e o Instituto da História da Comunicação e Estudos Culturais Aplicados, da Universidade Livre de Berlim, Alemanha

redor das especulações zoosistematizadoras empreendidas por Flusser e Bec . Chamamos “moldura excêntrica” um efeito similar àquela “impressão de matriz” confessada por Leitão e traduzida por nós, os autores, como experiência de origem ou a primeira incidência de algo. O registro de Felinto aponta para uma circunstância narrativa (a sua própria) que, mais tarde, vimos inscrita em três importantes obras do tcheco-brasileiro: *A história do Diabo* ([1965] 2005), *Natural:Mente* (1979 [1978]) e *Vampyroteuthis Infernalis* (2011 [1965]). Tal circunstância insiste sobre a atadura fenomenológica entre a materialidade episódica (o *fait accompli*) e aquele que narra ou, dito de outro modo, o objeto e o sujeito, respectivamente. Já Flusser dedicou o início do ensaio *The photograph as post-industrial object: an essay on the ontological standing of photographs* (1986, p. 329) à clássica antinomia. Recorrendo ao costumeiro expediente etimológico, cuja vantagem consiste em revelar direções inauditas, escreveu:

(...) o termo latino ‘ob-iectum’ e seu equivalente grego ‘pro-blema’ significam ‘atirado contra’, o que implica em algo contra o qual o objeto é arremessado: um ‘sub-ject’. Como sujeitos, estamos diante de um universo de objetos, de problemas que é, de alguma forma, lançado contra nós (tradução nossa).

Slavoj Žižek (2008), no seu *A visão em paralaxe*, sugere exercício aparentado. Assim, a diferença entre sujeito e objeto pode ser apreendida por meio da distinção entre dois verbos: “sujeitar” ou “sujeitar-se” (*to subject*) e “objetar” (*to object*). O gesto fundador do sujeito é sujeitar-se. E do objeto, objetar, ou oferecer resistência, e minorar qualquer aspiração humanista.

Se agora voltados para a segunda expressão contida no título, parece legítima a pergunta: que espécie de epistemologia nasce a partir da aderência entre o um e o outro? Não havendo ali, o objeto apontável, mas um campo de experiência, qual gênero de conhecimento pode ser produzido? Benjamin, outra vez e por ocasião do ensaio *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (1982, p. 203), conclui que

(...) metade da arte narrativa está em evitar explicações. Nisso Leskov é magistral. (...) O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação.

O autor propõe que “episódio narrado” e “informação” sejam considerados domínios distintos um do outro. A informação “aspira verificação imediata”, deve ser “plausível” e “compreensível em si para si” (ibidem). Logo, seu sentido associa o fato (um observado, um objeto), ao dado (aquilo que caracteriza o observado, o objeto). Como ilustração, Benjamim recupera o princípio de Hippolyte de Villemessant que, em meados do XIX, adquiriu o francês *Le Figaro*: “para meus leitores, incêndio num sótão do Quartier Latin é mais importante que uma revolução em Madri”. O sótão e o incêndio estão atrelados por uma força de convergência centrípeta, ou a informação ela mesma: o sótão existe por ordem do incêndio e é o incêndio, por sua vez, quem dá razão àquele sótão específico, incrustado em algum lugar do 5°. *arrondissement*. O truísmo é proposital e insiste sobre a natureza circular da informação. E ela é circular, exatamente, por cobiçar a explicação do fato, o que ele é. O americano Henry Miller (2010, p.46), em obra dedicada ao escrutínio de Rimbaud, anota: “o que é constantemente expandido e elaborado pela explicação — em suma, pelo mundo conceitual — está ao mesmo tempo sendo comprimido, sintetizado, pela caligrafia estenográfica dos símbolos”. Torna-se, portanto, evidente haver algo escapado para fora do “mundo conceitual”, ainda que palavra. “Algo exterior desafiadoramente permanece. Algo objetiva. Algo é Objeto” (Ibri, 2003, p. 2). A natureza do objeto não é o inacessível objeto absoluto, mas a absoluta disposição humana para sofrer objeção. Tal disposição, se aqui muito vaga, pode ser identificada em diversos campos dos saber. Há a filosofia, para a qual a pergunta é matéria de primeira ordem, portanto, seu problema. Há a atividade científica, cuja prática do conhecimento parece oferecer, ao mesmo tempo, resistência e definição. A arte, ali inscrita onde nenhum necessário se inscreve e “atirada contra” a mera possibilidade. E há a nova epistemologia, espécie de juiz de paz, capaz de conciliar os três domínios. Todas elas subordinadas ao “mundo conceitual”, dado que apaga o halo místico deitado sobre qualquer uma delas.

Em Flusser, o conceito de informação está associado, antes, à “palavra”, substância da qual se serve o pensamento para sua própria formação. É o que nos dá a ver seu livro *Língua e Realidade* ([1963] 2007, p.48): “a grande maioria daquilo que forma e informa

nosso intelecto, a grande maioria das informações ao nosso dispor, consiste em palavras”. A aparição das fitas magnéticas, dos microfones, dos computadores e de outros artefatos que auxiliam o armazenamento e difusão da informação, por exemplo, põem em suspenso o gesto da escrita (“*to perform an action*”, Flusser, 2013, p. 1) ou o ato de encadear signos em linha (Flusser, [1987] 2011, p. 7). A arte narrativa do autor declina as cadeias causais com as quais a ciência tomou por hábito registrar suas criações e preserva a não diferenciação entre o sujeito do conhecimento e a realidade ela mesma. Sujeito e objeto não são figuras de contradição, insistimos, e aqui uma constatação fundamental. O próprio Flusser (2013a) sublinha o debate, de maneira geral, ligado ao *modus faciendi* do pensamento cartesiano: “Descartes estabelece uma dicotomia entre matéria e pensamento, corpo e alma, o duvidoso e o indubitável e tal dicotomia, ao meu ver, é nefasta. Embora, confesso, seja muito difícil superá-la ” (tradução nossa). Aquilo a que chamamos “realidade” é, senão, tudo o que aprendemos e apreendemos por meio da língua, tal qual indica o próprio autor: “Se definimos *realidade* como *conjunto de dados* podemos dizer que vivemos em realidade dupla: na realidade das palavras e na realidade dos *dados brutos* ou *imediatos*. Como os *dados brutos* alcançam o intelecto propriamente dito em forma de palavras, podemos dizer que a realidade consiste de palavras e de palavras *in statu nascendi*. Com esta afirmativa teremos assumido uma posição ontológica” (Flusser, 2007, p. 49, itálicos do autor). A menina de Carroll (2009, p. 31) experimenta — fenomenologicamente — o roedor e ilustra a visada flusseriana:

Ó Camundongo, você sabe como sair desta poça? Já estou cansada de nadar por aqui, Ó Camundongo! (Alice achava que essa devia ser a maneira correta de falar com um camundongo. Ela nunca fizera nada parecido antes, mas lembrava-se de ter visto, na gramática latina do irmão, 'o camundongo – do camundongo – ao camundongo – o camundongo – Ó camundongo).

Alice recorda a gramática, o livro e, de pronto, dá existência ao animal cinzento; ainda que o objeto rato estivesse ali, diante, a menina vê senão dedos agônicos a procura de um verbete no dicionário. Na conferência *Construir, Habitar, Pensar (Bauen, Wohnen, Denken)*, proferida em 1951, Martin Heidegger (2012) concluiu: “construímos e chegamos a construir à medida que habitamos, ou seja, à medida que somos como aqueles que habitam” (grifos do autor). O que parece, certo modo, afinado com o

esqueleto que ergue a trilogia geométrica de outro alemão, o filósofo Peter Sloterdijk. Sloterdijk escreveu uma série de três livros, Esferas (Sphären), sendo a primeira, sua microesfereologia (a Bolha, nossa experiência de origem, intraútero, portanto, pré-natal), a segunda, sua macroesfereologia, o Globo e por fim, a esfereologia da contemporaneidade, da Espuma, quando as relações humanas são desfeitas com a ligeireza do contato, de um toque. Nós, humanos, somos seres vivos que, em princípio, não podemos ser ou estar em nenhuma outra parte que não os interiores sem paredes de nossas relações de proximidade (Sloterdijk, 2003). No prólogo da microesfereologia, o escritor e filósofo alemão Rüdiger Safranski (ibidem, p. 16) toma nota: “a coexistência precede a existência e viver significa deixar-se implicar pelas paixões e obsessões dessa coexistência”.

Afinado com a premissa crucial de que habitamos, presente na noção de língua — “a identidade desse aquilo [a língua, ela mesma] com a estrutura do cosmos deverá ser evidente para o leitor, se é que tenho alguma razão com a minha afirmativa” (Flusser, 2007, p. 44) —, Flusser oferece-nos a possibilidade de pensar a ultrapassagem do *noumenon* grego, pela via mesma daquilo que, em última instância, determina o mundo para o humano. Então, dizemos e em concordância com o tcheco-brasileiro, a língua é a realidade (1), a ciência é, senão, um aspecto da língua (2) e suas ficções filosóficas constituem exercício de possibilidade científica, para além de um atestado sobre certa verdade adiabática das coisas.

O hábito científico implica em uma disposição desenvolvida pelo pesquisador para observação sistemática do objeto. Todo método (metá- e odós, caminho, rota, pista) científico, qual seja, é sempre circunstancial e responde, antes, às filigranas de “inteligências singulares” (Paty, 2001, p. 157). O físico francês e historiador da ciência Michel Paty demonstrou, ainda, em artigo dedicado a Poincaré e Einstein, o quanto a figura da “criação” participou dos empreendimentos científicos de ambos, afora as “significativas divergências de suas respectivas filosofias do conhecimento científico” (ibidem). Não se trata do justo testemunho sobre o objeto, mas do exame da série de operações atravessada pela investigação ou pelas “modalidades do processo de abstração” (Paty, 1995, p. 111). A próxima pergunta, talvez a mais evidente, é: o que

aquele “processo” pode anunciar sobre o objeto? Ainda que a resposta nos escape, partiremos de dois testemunhos guardados pela história da ciência para, então, alcançar a ficção filosófica de Flusser.

Mal folheando volume das obras completas de Freud (1980, p. 229), esbarramos em *Alguns Sonhos de Descartes: uma carta a Maxime Leroy*, datado de 1929. Então, Maxime Leroy preparava um livro sobre o pensador francês, nascido nos últimos do século XVI. O soldado René Descartes, aos 23 anos, prestes a renunciar ao périplo da vida militar, teria redigido três sonhos, todos eles transcorridos no período da mesma noite. O manuscrito, conhecido por *Olympica*, já estava desaparecido quando das pesquisas de Leroy. Ocorre que, em 1691, um clérigo de nome Adrien Baillet publicou seu *Vie de Monsieur Des-Cartes*, parafraseando as notas de Descartes. Mas, do original de Baillet restou, apenas, nova paráfrase de Leroy (apud FREUD, 1980, p. 232), quando lemos:

“(...) durante a noite, quando tudo era febre, trovões, pânico, fantasmas se ergueram diante daquele que sonhava. Tentou levantar-se para expulsá-los, mas caiu de novo, envergonhado de si mesmo, sentindo-se perturbado por uma grande fraqueza em seu lado direito. De repente, uma janela do quarto se abriu. Com terror, sentiu-se carregado pelas rajadas de um vento violento, que o fez girar diversas vezes sobre o pé esquerdo”.

O episódio, quase agonia exorcista, segue com sua diegese extraordinária. No relato, a capela onde o filósofo e matemático fazia suas orações, pontadas de dor, uma pessoa carregando um melão, ventos violentos, relâmpagos e um homem que, de súbito, o fizera ler passagem de Ausônio: "est et non". Do latim: "é e não é" (grifo nosso). Logo aquele homem desapareceu, outro tomou seu lugar. Um livro sumiu e reapareceu com retratos em talho-doce. E, "por fim, a noite se acalmou" (ibidem, p. 233). Em 1637, dezoito anos passados desde o pesadelo, Descartes publicaria seu *Discurso do Método*. Na segunda parte do *Discurso* (1999, p. 43), assim escrito: "o começo do inverno me obrigou a permanecer num quartel onde, por não encontrar convívio social algum que me distraísse (...) ficava o dia inteiro fechado sozinho num quarto bem aquecido, onde dispunha de todo o tempo para me entreter com meus pensamentos". Quando, então, concluiu (ibidem):

“(…) não devia por em execução sua realização [do método] antes de atingir uma idade bem mais madura do que a dos 23 anos que eu tinha naquela época e antes de ter gasto muito tempo em preparar-me para isso, tanto extirpando de meu espírito todas as más opiniões que nele dera acolhida até então, como reunindo numerosas experiências para servirem logo depois de matéria aos meus processos racionais, e adestrando-me no método que me preceituara, com o propósito de me fixar sempre mais nele”.

Nos idos de 1960, o psicanalista Jacques Lacan (ROUDINESCO, 2008, p.139) preparava um seminário dedicado ao Banquete de Platão. Lacan consultou o russo Alexandre Kojève, filósofo e historiador da filosofia, ocupado — na época — com a redação da história da filosofia pagã, a ser publicada em três volumes. Kojève teria apontado suas considerações sobre Platão, não sem acrescentar que "toda arte de Platão residia em seu modo de ocultar o que pensava, como também no modo de o revelar. Ele evocava assim, diante do interlocutor, seu próprio procedimento filosófico: um texto é jamais senão a história da sua interpretação" (ibidem). Curiosa mesmo foi a observação feita pelo russo e endereçada ao psicanalista: "você jamais interpretará o Banquete se não souber por que Aristófanes estava com soluços" (ibidem). O sonho de Descartes e Aristófanes, com sua contração espasmódica do diafragma, empresta a circunstância que nos falta. Parece-nos seguro afirmar que o conhecimento não é um fóssil genuíno a ser descoberto pelo cientista. Fosse ainda um acumulado de sedimentos, retirado de um sítio arqueológico, nada ademais saberíamos sobre ele. Seria o caso, portanto, de abordar o objeto que se força contra nossa atenção. E, já na abordagem, todo resto escapa. De pronto, submetemos o objeto à tábua de matérias compartilhada: filiação disciplinar ou ontologia regional, circunscrição de um campo teórico (cujas teses concordam entre si); além das determinações dialógicas imanentes a estrutura do próprio pensamento (PATY, 1992)

Uma vez familiarizados com a contribuição crítica de Flusser — não apenas seus livros concluídos, mas os artigos em jornais e revistas, os cursos, os manuscritos, as conferências e os inúmeros relatos registrados por pessoas do seu convívio íntimo —, então, sua declarada *posição ontológica* não despertará estranhamento. Se não familiarizados, haverá de bastar, por ora, um parágrafo constante do artigo “O futuro da escrita” (apud FLUSSER, 2007:139-140). Diz Flusser:

Escrever é um gesto importante, porque não só articula como também produz aquele estado mental chamado de ‘consciência histórica’. A história começa com a invenção da escrita, não pela razão banal frequentemente sugerida de que a escrita nos permite reconstituir o passado, mas pela razão mais pertinente de que o mundo não é percebido como um processo, ‘historicamente’, a não ser que alguém dê a entender isso por meio de sucessivos símbolos, por meio da escrita.

A realidade é determinada pela língua (o gesto da escrita) que, por sua vez, é determinada por cadeias causais: como escapar a essa *posição ontológica* sublinhada por Flusser? Como atravessar tais cadeias sem deixar sufocar nossa própria capacidade criadora, sem subtrair do mundo fenomenal aquilo que ele guarda de fortuna?

Apresentação do argumento

A abertura dialógica é, precisamente, uma necessidade lógica do conhecimento (Peirce apud SANTAELLA, 2008, p. 58). O americano Charles Sanders Peirce, diapasão teórico das pesquisas de doutorado dos autores, escreve nos seus *Collected Papers* (PEIRCE, 2005): “da proposição de que todo pensamento é um signo, segue-se que todo o pensamento deve se dirigir a algum outro, deve determinar algum outro, visto que essa é a tendência do signo”. Todo programa científico, seja qual for seu perímetro disciplinar, é constituído por elementos associados. Daí ser imprescindível estabelecer uma espécie de propedêutica, uma carta de intenções entre o ferramental teórico e o objeto da representação. Do contrário, bastaria cavar. Toda teoria, quando enunciada, é um texto narrativo. Logo, quando lidamos com objetos metafísicos, sem exata correspondência material, a maneira de um decalque, já o método de abordagem é ele próprio um exercício ficcional. Ao dizer ficcional estamos aqui restritos à dimensão do texto como criação ou, à maneira de Walter Benjamin (1982, p.198), como "a faculdade de intercambiar experiências". Em *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, Benjamin está ocupado com a obra ficcional do escritor russo, indicado no título. De fato, o texto científico guarda similitudes com a literatura; não como gênero ou classe específica, mas como dimensão: há uma porção literária no registro científico

e ela pode ser tão mais significativa do que costumamos considerar. Irene Machado (2007, p. 2) anota:

A comunicação da ciência reivindica uma interpretação de conteúdos vinculados à leitura. Do ponto de vista semiótico, o cientista exerce uma dupla tarefa: de descobridor do conhecimento e de codificador da informação de que ele [conhecimento] é portador. Contudo, ao entrar na cultura sob forma de um texto, a leitura não emerge da descodificação. Para ser efetiva, a leitura depende da transcodificação: coloca em ação gestos culturais e não apenas conteúdos. Nesse caso, a idéia de decifração da comunicação científica começa a exibir sua fragilidade: para decifrar foi preciso codificar. Esta, contudo, não é atividade de deuses, mas construção cultural humana.

Um dos mais importantes romances da literatura começa da seguinte maneira: "Alguém devia ter caluniado Josef K., visto que uma manhã o prenderam, embora ele não tivesse feito qualquer mal" (Kafka, s.d.). Qualquer coisa incomum, notável, singular. Um *hic et nunc*, a dupla consciência daquilo que sou e não sou, "est et non", disse Ausônio no sonho de Descartes. De acordo com Peirce (IBRI, 1992, p.7): "estamos continuamente colidindo com o fato duro. Esperávamos uma coisa ou passivamente tomávamo-la por admissível e tínhamos sua imagem em nossas mentes, mas a experiência força esta ideia ao chão e nos compele a pensar muito diferentemente". Então, o pensador "codifica" aquela experiência e produz o que chamaremos "conhecimento". Um pensador inscrito no seu próprio tempo, atravessado por tudo aquilo que conhece e apenas por aquilo que conhece. Ocorre que tanto o texto pode constranger as possibilidades interpretativas, como multiplicá-las sobremaneira. "O brio do texto (sem o qual, em suma, não há texto) seria a sua *vontade de fruição*: lá onde precisamente ele excede a procura, ultrapassa a tagarelice e através do qual tenta transbordar (...)". O trecho de Barthes (2008, p. 20) ilustra o que Machado chama de "gesto semiótico" ou a qualidade de ler "com a cabeça levantada", "*avant la lettre*" (ibidem). É provável que tal qualidade tenha levado importantes pensadores às páginas de grandes literatos. Afinal, é a literatura o lugar da representação não referencial ou autorreferente; quando para atravessar as representações proustianas de Swann e sua Odette, por exemplo, não precisamos tomá-los (os personagens) por singulares existentes. De maneira que a obra literária se vê desobrigada da simetria em relação ao objeto representado. Gilles Deleuze começa o

prólogo da sua *Lógica do Sentido* (2009) com "de Lewis Carroll aos Estóicos" e, ao longo da obra, lança mão do autor de Alice no País das Maravilhas ao pódio de "lugar privilegiado" quando da "encenação dos paradoxos do sentido". Também dedicou um livro à análise dos signos em Proust, sobretudo aqueles inscritos na obra *À la recherche du temps perdu* (DELEUZE, 2003). Schopenhauer (2009) não apenas leu como carregou Goethe para dentro das suas elucubrações filosóficas.

Vilém Flusser (1998), para encerrar o exemplário, escreveu uma série de artigos curiosos, mais tarde reunida no livro *Ficções Filosóficas*. Dentre os títulos raros, figuram *Diálogo Espírita Edificante*, *Da Dermatologia de Jó* e *Êxodo das cifras*. Em 1982, Flusser proferiu uma conferência na Maison de la Culture, localizada na região francesa de Chalon-sur-Saône. Certa altura, a caminho do encerramento, conclui: "não discutirei o termo nebuloso criação, mas lembrarei o approach informático que sugere que informação nova é criada por introdução de ruídos em informações redundantes. Isto é: o nome é criado ao se abrir o velho para o ainda não articulado. Neste sentido, não há diferença entre criação em ciência e arte"

Por um lado, todo pensamento carrega seu tempo para dentro de si. E seu tempo inclui a consciência pretérita, o estado necessário de contemporaneidade (inscrição do ser vivente no próprio tempo) e o trabalho de predição (exercício próprio da ciência). Por outro lado, num excerto do livro *Do diálogo ao dialógico*, Martin Bubber (1982) — referência bibliográfica assumida por Flusser —, lemos: "o que esperamos nós quando, desesperados, e mesmo assim, procuramos por alguém? Esperamos certamente uma presença por meio da qual nós é dito que ele, o sentido, ainda existe". A presença científica, que atribui sentido às coisas, ou opera segundo um corpo de prescrições e hábitos — disposição do pesquisador para a observação monitorada por um círculo abstrato de verdades — ou é espanto, a consciência de que sujeito e objeto são ontologicamente mediados. Ou, em Flusser, ambos.

O *Vampyroteuthis Infernalis* de Vilém Flusser (2011) é o duplo avesso do dialogismo. Aquela urdidura de temporalidades é sequer perseguida, mas inventada. O autor está diante de um integrante do filo dos Mollusca e, "outro dia", diz sem precisar quando, "foram pescados no mar da China três exemplares desta quase desconhecida espécie"

(ibidem, p.13). Já o programa de realização racional serve de suporte para seu "jogo de espelhos deformadores": "tentativa de criticar a nossa existência vertebrada do ponto de vista molusco" (ibidem, p. 19). O *Vampyroteuthis* é um gesto de fabulação, uma hipótese científica. E uma espécie de hipótese tão somente possível quando engendrada no interior de um gênero particular: sua *ficção filosófica*.

À fração ficcional da ficção filosófica corresponderia aquilo que, certo modo, pertence ao objeto artístico em geral: a mera *possibilidade*. O escritor e jornalista norte-americano Truman Capote criou qualquer coisa, em algum grau, assemelhada: o romance de não-ficção, cujo volume *A Sangue Frio* é sua obra-mestra. Sobre o tema, registrou (apud CLARKE, 2006, p. 337): "o jornalismo se move no plano horizontal, conta as histórias; a ficção — a boa ficção — move-se verticalmente, mergulha fundo nas personagens e nos fatos. Ao tratar um fato real com essas técnicas (o que o jornalista não pode fazer até aprender a escrever), é possível fazer essa síntese". Tal *mobilidade* nos planos horizontal e vertical sugere uma forma de representação visual. E tal *representação*, por sua vez, é tão menos transitiva quanto mais intensos forem os deslocamentos naqueles eixos. Por conseguinte, este tipo específico de representação não dá a ver sua contraparte, mas uma ideia muito geral do objeto. Então, diríamos como segunda hipótese, que Flusser desenvolve uma teoria dos habitares, panorâmica ou paisagística — é o que faz Di Felice (2009) e suas ambiências ecossistêmicas — ao abalroar inóspitos: a "casa", o "deserto", o "abismo", o "outro".

Referências

- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte:UFMG. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.
- BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Tradução de Rosaura Eichenberg. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- CLARKE, Gerald. **Capote: uma biografia**. 2ª. edição. São Paulo: Editora Globo, 2006.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2ª. edição. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **Lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DESCARTES, R. **Descartes**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

FELINTO, Erick. Vampyrotheuthis: a Segunda Natureza do Cinema. A 'Matéria' do Filme e o Corpo do Espectador, **Flusser Studies**, número 10. Disponível em: <http://www.flusserstudies.net/pag/10/felinto-vampyrotheuthis.pdf>. Último acesso em: 18 de novembro de 2012.

FLUSSER, Vilém (1986). "The photograph as post-industrial object: an essay on the ontological standing of photographs". **Leonardo**, volume 19, número 4. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/1578381?uid=3738016&uid=2129&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21101829289597>. Último acesso em: 8 de maio de 2012.

_____. **Ficções Filosóficas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

_____. **Língua e Realidade**. 3ª. Edição. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação: Vilém Flusser**. Organizado por Rafael Cardoso. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. **Does writing have a future**. Tradução de Nancy Ann Roth. *Electronic Mediations*. Volume 33. University of Minnesota Press. Minneapolis, 2011.

_____. **Vampyrotheuthis Infernalis**. Vilém Flusser e Louis Bec. Prefácio de Gustavo Bernardo. São Paulo: Annablume, 2011a.

_____. **The gesture of writing**. Disponível em: <http://www.flusserstudies.net/pag/08/the-gesture-of-writing.pdf>. Último acesso em: 5 de janeiro de 2013.

_____. **Thought and reflection**, **Flusser Studies**, número 01. Disponível em: <http://www.flusserstudies.net/pag/01/thought-reflection01.pdf>. Último acesso em: 5 de janeiro de 2013a.

FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud**. Traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Volume XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1980.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. Disponível em: http://www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir.%20habitar.%20pensar.pdf. Último acesso em: 3 de junho de 2012.

IBRI, Ivo Assad. Tópicos para uma poética da alteridade. **Revista Série Linguagem**, número 2, São Paulo, Editora Lovise, 1996.

KAFKA, Franz. **O processo**. Disponível em: <http://100melhoreslivros.files.wordpress.com/2009/12/franz-kafka-o-processo.pdf>. Último acesso em 17 de dezembro de 2012.

MACHADO, Irene. Especulações dialógicas sobre a leitura como gesto semiótico. Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Semiótica da Comunicação. **INTERCOM, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1565-1.pdf>. Último acesso em 18 de dezembro de 2012.

MILLER, Henry. **A hora dos assassinos: um estudo sobre Rimbaud**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

PATY, Michel. A criação científica segundo Poincaré e Einstein. Tradução de Sérgio Alcides, **Estudos Avançados** (São Paulo, Br), 15, nº 41 (jan-abr.), 2001, 157-192.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTAELLA, Lucia. **O método anticartesiano de C.S. Peirce**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. **Metaciência como guia de pesquisa: uma proposta semiótica e sistêmica**. Lucia Santaella e Jorge Albuquerque Vieira. São Paulo: Editora Mérito, 2008.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Tradução de Pedro Süsskind. Porto Alegre: L&PM, 2009.

SLOTERDIJK, Peter (2003). **Esferas I: Burbujas. Microsferología**. Prólogo de Rüdiger Safranski. Tradução de Isidoro Reguera. Espanha, Ediciones Siruela.

_____. (2003) **Esferas II: Globos. Macrosferología**. Tradução de Isidoro Reguera. Espanha, Ediciones Siruela.

ŽIŽEK, Slavoj. **A visão em paralaxe**. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2008.